

EFEITOS DA GUERRA

CONTRA INFLAÇÃO ALTA
Copom sobe a Selic a 11,75% ao ano.
BC dos EUA eleva juros pela 1ª vez desde 2018

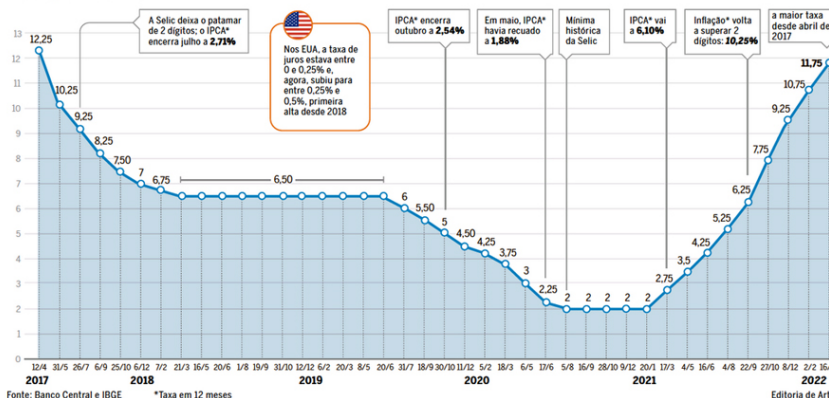
GABRIEL SHINOHARA
E LEFYCIA CARDOSO
ECONOMIA/INFORMAÇÕES
BRASILIA E RIO

Com a piora do cenário em razão da guerra na Ucrânia, o Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou ontem a taxa básica de juros de 10,75% para 11,75% ao ano. Trata-se do nono aumento seguido da Selic ao longo de um ano. Ontem, a taxa chegou ao maior percentual em quase cinco anos. Embora o Banco Central (BC) tenha reduzido o ritmo de alta — de 1,5 ponto para 1 ponto percentual, conforme a expectativa do mercado — deixou claro que a trajetória de alta dos juros deve continuar na próxima reunião em razão da inflação alta e do impacto da invasão da Ucrânia pela Rússia sobre os preços.

O aumento de juros este ano se tornou movimento global para conter os preços. Ontem, o Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos) elevou os juros pela primeira vez desde 2018. A taxa passou de um intervalo de 0% a 0,25% ao ano para 0,25% a 0,5% ao ano. É o primeiro do que se espera que seja um ciclo de aumentos da taxa, que buscam corrigir os desequilíbrios de uma economia que reagiu rapidamente ao arrefecimento da pandemia, mas que esbarra nas incertezas do conflito entre Kiev e Moscou.

"A inflação permanece elevada, refletindo o aumento da oferta e demanda relacionados à pandemia, preços mais altos de energia e pressões mais amplas sobre os preços", destacou o Fed, em comunicado. A inflação ao consumidor nos EUA atingiu 7,9% em fevereiro, no acumulado em 12 meses, o maior patamar em 40 anos, impulsionado pelo aumento no preço da gasolina, alimentos e alugueis. O Fed acrescentou que a guerra na Ucrânia traz implicações "altamente incertas" para a economia americana e que os efeitos provavelmente "criarão uma pressão

EVOLUÇÃO DA SELIC (Em % ao ano)



Fonte: Banco Central e IBGE

*Taxa em 12 meses

ascendente adicional sobre a inflação e pesaço sobre a atividade econômica".

CHOQUE DE OFERTA

A preocupação com os efeitos da guerra também é destaque no comunicado do Banco Central brasileiro. Segundo o BC, o conflito levou a um cenário "substancialmente" deteriorado, a um aperto nas condições financeiras e ao aumento da incerteza no cenário econômico mundial. "Em particular, o choque de oferta decorrente do conflito tem o potencial de exacerbare as pressões inflacionárias que já vinham se acumulando tanto em economias emergentes quanto avançadas", apontou.

Em fevereiro, a inflação acumulada em 12 meses no país chegou a 10,54%, consolidando um semestre seguido de taxas de dois dígitos. E os índices ainda não captaram os aumentos de preços de gasolina e diesel, anunciados pela Petrobras. No caso do diesel, o efeito se multiplica pelo impacto no transporte público,

de cargas e no frete.

Para Júlio César Barros, economista do Daycoval Asset, a maior novidade do comunicado foi a avaliação do cenário externo deteriorado. — Em função evidente do conflito e do ambiente externo mais deteriorado, com mais certeza, optaram por manter a taxa em 1 ponto percentual para março, já contratam 1 ponto percentual para a próxima reunião. Devem caminhar para um patamar de juros ainda mais alto do que se esperava anteriormente — ressaltou.

Com isso, o BC ganha tempo



"O Copom avalia que o momento exige serenidade para avaliação da extensão e duração dos atuais choques"

Copom, comunicado cita preocupação com novo cenário

para acompanhar os impactos da guerra na inflação e na atividade econômica brasileira. No comunicado, o Copom ressaltou que a alta dos juros visa a combater o choque de oferta de muitas commodities, que tem efeito defasado na inflação e resalta que o momento é de muita incerteza e cuidado.

PETRÓLEO A US\$ 100

"O Copom avalia que o momento exige serenidade para avaliação da extensão e duração dos atuais choques. Caso esses se provem mais persistentes ou maiores que o antecipado, o Comitê estará pronto para ajustar o tamanho do ciclo de aperto monetário. O Comitê enfatiza que irá perseverar em sua estratégia até que se consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas", ressaltou.

Nas últimas semanas, o conflito levou a um aumento do preço do petróleo, que chegou a ultrapassar os US\$

130. Ontem, o Brent voltou a fechar abaixo de US\$ 100. No comunicado, o Copom considera que o barril deve terminar em ano em US\$ 100, pressionando o preço dos combustíveis. Outra incerteza no radar é o impacto da restrição de acesso a fertilizantes para a próxima safra. A escassez de produção tem potencial para pressionar os preços dos alimentos.

— O comunicado foi bastante duro, com a cautela de não desancorar as expectativas anteriores, que continuam para uma convergência para a meta em 2023 — afirmou João Beck, economista e sócio da BRA.

A meta de inflação deste ano é de 3,5%, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo. Ou seja, assim como no ano passado, a meta não será cumprida. As projeções do Copom indicam inflação de 7,1% este ano e de 3,4% em 2023, considerando que a Selic avance para 12,75% ao ano este ano e caia a 8,75% no próximo. Se

esse cenário se confirmar, o ciclo de aumento de juros poderia terminar na próxima reunião, em maio.

RISCO FISCAL NO RADAR

Um dos fatores que devem pesar na próxima reunião é o comportamento do Fed. Além de tudo isso, o Copom continuou ressaltando o risco fiscal. Assim como na reunião anterior, a avaliação é que a incerteza em relação ao arcabouço fiscal acaba elevando a expectativa de preços. Nas últimas semanas, o governo discutiu criar um subsídio para reduzir o preço dos combustíveis e aceitar zerar impostos federais sobre o diesel.

"Apesar do desempenho mais positivo das contas públicas, o Comitê avalia que a incerteza em relação ao arcabouço fiscal mantém elevado o risco de desancoragem das expectativas de inflação, mas considera que esse risco está sendo parcialmente incorporado nas expectativas de inflação e preços de ativos utilizados em seus modelos", apontou.

Bolsas sobem na China, e Alibaba dispara com alívio de Pequim

Para evitar saída de capitais por juros nos EUA, governo reduz cerco a 'big techs'

HONG KONG

Após dois dias de fortes quedas, nos quais as empresas chinesas perderam US\$ 1,5 trilhão em valor de mercado, as Bolsas de Hong Kong e da China tiveram forte alta ontem após Pequim sinalizar que vai reduzir o cerco regulatório às gigantes de tecnologia do país e que tomará medidas para evitar instabilidades no

mercado financeiro.

As ações das big techs chinesas dispararam: os papéis da Alibaba, conglomerado que é dono da Aliexpress, subiram 27%. Os papéis da Tencent, de telecomunicações e prestação de serviços de internet, tiveram alta de 23%. E os da Meituan, plataforma de delivery, de 32,1%.

A Bolsa de Hong Kong chegou a registrar alta de 13%, para depois perder um

pouco o fôlego e fechar em valorização de 9,08%. Em Xangai, o principal índice local terminou o dia em alta de 4,32%.

SUSTO COM EVERGRANDE

Após uma reunião entre seus principais membros, o Comitê de Estabilidade e Desenvolvimento Financeiro do Conselho de Estado chinês divulgou que vai "introduzir ativamente políticas

que beneficiem os mercados". Na avaliação dos analistas, o recado aos investidores foi claro: uma ampla repressão às empresas de internet estava chegando ao fim e o governo impediria um colapso desordenado no setor imobiliário.

O setor de tecnologia vinha sendo alvo de um aperto regulatório, com Pequim pressionando as empresas a não lançarem ações em Bolsas de Valores do exterior. E a indústria de construção está há meses sob forte pressão, desde que a incorporadora Evergrande, uma gigante do segmento, entrou em colapso e começou a atrasar o pagamento de credores e a entrega de obras. Segundo a agência de no-

tícias estatal Xinhua, que na prática funciona como uma divulgação das notícias do governo, o vice-primeiro-ministro do país, Liu He, também afirmou na reunião que haveria maior coordenação com os órgãos reguladores de Hong Kong.

— O anúncio (do governo chinês) abordou vários temas sensíveis em diferentes frentes, o que é raro — avaliou Ding Shuang, economista-chefe para China e Norte da Ásia no Standard Chartered.

'AÇÃO PRÓ-ATIVA'

O Comitê de Estabilidade e Desenvolvimento Financeiro também afirmou que a política monetária do país será "pró-ativa" e que novos empréstimos "vão crescer

de forma apropriada".

Não por acaso, a ação coordenada do governo chinês em várias frentes — no setor de tecnologia, de construção e também na promessa de estímulo monetário — ocorreu pouco antes da esperada alta de juros pelo banco central americano. Autoridades chinesas vinham alertando que taxas maiores nos EUA poderiam levar a uma maior saída de capitais do país.

— É bastante positivo, pelo menos no momento, já que Liu abordou algumas das principais preocupações do mercado, especialmente em relação à repressão regulatória — disse Ting Lu, economista-chefe da China no Nomura.

MÍRIAM
LEITÃO



blogs.oglobo.com/miriam-leitao
m.leitao@oglobo.com.br
Com Alvaro Gribel (de São Paulo)



Juros em alta e economia fraca

Os juros subiram aqui e nos Estados Unidos. E vão continuar subindo. Nos dois países, as taxas foram elevadas não por causa da guerra, mas para combater a inflação que já estava alta, antes de o primeiro tanque russo tomar a estrada para Kiev. Contudo, aqui e lá a pressão inflacionária e o cenário econômico pioram muito com a guerra. O Fed deixou claro que este é o início do ciclo que pode incluir mais outras seis elevações com movimentos mais fortes do que o 0,25 ponto percentual aprovado desta vez. O Copom subiu a taxa em um ponto percentual, avisou de uma próxima alta da mesma magnitude e alertou que tudo piorou na

economia internacional.

Há diferenças importantes. O Brasil está estagnado, e os Estados Unidos, crescendo. O Brasil tem alto desemprego e os Estados Unidos estão com o mercado de trabalho aquecido. Tanto que esse foi um dos motivos alegados pelo próprio presidente do Fed, Jerome Powell, para elevar os juros. Lá a taxa estava próxima de zero, e aqui já subiu muito e agora foi para 11,75%. Para um país, como o Brasil, cuja previsão de crescimento não passa de meio por cento é uma enormidade.

O Banco Central justificou a alta dos juros explicando que o ambiente externo "se deteriorou substancialmente", as condições financeiras pioraram e aumentou a incerteza. A guerra da Ucrânia, segundo o BC, produziu um "choque de oferta" que tem "o potencial de exacerbar as pressões inflacionárias".

O presidente do Fed, Jerome Powell, disse que a incerteza geopolítica coloca uma pressão a mais na inflação de curto prazo. O Fed elevou sua projeção de inflação para 4,1% a 4,7%. Mas no ano passado foi de 7%. O cenário de juros subindo nos Estados Unidos movimentou todo o fluxo de capitais e isso pode produzir uma alta do dólar aqui. Os próximos dias serão fundamentais para se entender a leitura dos mercados sobre a mudança da política monetária americana, em sua primeira alta desde 2018. O dólar

caiu no começo do ano, mas isso está mudando. Mesmo com a alta dos preços das commodities, a valorização do real não deve se sustentar nos próximos meses, porque o ano é de muita instabilidade política e da política econômica.

Os últimos dias foram ilustrativos da fusão que é o processo decisório na área econômica a partir do reajuste da gasolina. O presidente

Inflação já estava elevada antes da guerra, e os BCs do Brasil e dos EUA alertaram que o conflito deixou o cenário mais difícil para o mundo

consumidor, seja o dono de carro da classe média, seja o caminhoneiro. E assim tenta se descolar da impopularidade que a alta dos preços dos combustíveis provoca.

O ministro das Minas e Energia, Bento Albuquerque, na entrevista que concedeu a Manoel Ventura, foi bem claro ao explicar a dinâmica dos preços, confirmando o risco de desabastecimento. "Hoje, 41% (dos derivados) são produção de outros ou são importação. Se o indivíduo comprar por 10 e a Petrobras estiver vendendo por cinco, eleva trazer

para o mercado aqui? Não. Então é um risco."

Há um bate cabeça também em torno do subsídio à gasolina e ao diesel. Já foram dados R\$ 20 bilhões na eliminação do PIS/Cofins do diesel, GLP e querosene de aviação. Bolsonaro quer que seja feito o mesmo com a gasolina, o que seria outro gasto de R\$ 27 bilhões. Para o governo é uma perda de receita exorbitante, para o consumidor faria pouca diferença.

A preocupação de Bolsonaro se concentra no posto de gasolina, mas a do consumidor é também com o supermercado e a padaria. As cadeias do trigo, do milho e da carne já estão sentindo o efeito da alta das cotações e a dívida sobre a oferta dos produtos. O preço dos fertilizantes está contaminando os custos da safra que nem foi plantada ainda. A energia terá reajustes fortes este ano, mesmo com o fim da bandeira de escassez hídrica que derrubará o índice de inflação em maio. O empréstimo que as distribuidoras estão pegando será pago por todos nós, a partir do ano que vem. E como os juros estão subindo, o custo será alto.

A situação econômica ficou ainda mais desfavorável à reeleição do presidente. Bolsonaro fará tudo o que puder para tentar mudar o jogo. Ele tem a máquina, ele tem o cofre, ele tem uma equipe econômica submissa. O Banco Central sabe disso. Tanto que alertou contra o risco fiscal presente e futuro.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Página:** 11,12